

Misticismo e religiosidade nas histórias de Penitência*

IURI ANDRÉAS REBLIN**

Resumo: Este texto apresenta uma leitura exploratória das histórias em quadrinhos da super-heroína brasileira Penitência, de Marcos Franco, com o objetivo de identificar aspectos de uma teologia do cotidiano calcada na estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. A teologia do cotidiano se constitui e é articulada pela justaposição transitiva de histórias, experiências, situações-problemas, valores e percepções de mundo que permeiam o cotidiano e que adquirem forma em produções artístico-culturais. As narrativas da *Penitência* têm como premissa temas religiosos, místicos, teológicos. Estas se destacam ao representar a sociedade a partir de uma leitura da violência, do papel da religião e da interpretação do impacto e da compreensão destas na vida social. Ao final, o texto aponta que as histórias da personagem reproduzem a ideia de justiça atrelada antes à ideia de punição que restituição, embora distinga de vingança. E que o fundamento teológico do imaginário religioso brasileiro, da presença ambígua do bem e do mal, integra as histórias da personagem.

Palavras-chave: Super-herói brasileiro; Quadrinhos; Teologia do Cotidiano.

Abstract: This paper presents an exploratory reading of a Brazilian superhero independent comic called Penitência (Penance), by Marcos Franco, with the aim of identifying aspects of a theology of daily life grounded in the theological structure of Brazilian religious imagery. The theology of daily life is constituted and articulated by a transitive juxtaposition of stories and histories, experiences, situations, problems, values and perceptions of the world that permeate everyday life and take shape in artistic and cultural productions. The stories of Penitência have as premise religious, mystical, theological themes. These stories stand out by representing the society since a reading of the violence, the role of religion and the interpretation and the understanding of their impact in social life. At the end, the paper indicates that the stories of character reproduce the idea of justice linked more to the idea of punishment than restitution, although distinguished from vengeance as well. The theological ground of the Brazilian religious imagery – the ambiguous presence of good and evil – is presented in the character stories.

Key words: Brazilian Superhero; Comics; Theology of daily life.

* O presente texto é um aprofundamento de um estudo realizado em parceria com Kathlen Luana de Oliveira. Este texto é uma segunda versão, lapidada, de um dos tópicos abordados nesse estudo. Cf. OLIVEIRA, REBLIN, 2011.



** IURI ANDRÉAS REBLIN é Doutor em Teologia. Professor da Faculdades EST, em São Leopoldo (RS). Autor do livro *Para o Alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis* e de inúmeros outros textos relacionando quadrinhos, super-heróis, religião e cultura.

Considerações iniciais

As histórias em quadrinhos são um grande fenômeno cultural e midiático capaz de atrair a atenção de uma grande audiência. São produções artístico-culturais próprias da era contemporânea e, enquanto tais, elas sustentam adequadamente a tensão entre a arte e o mercado, não apenas atendendo a uma demanda por sentido e sendo expressão de uma demanda por sentido compartilhada coletivamente, contextual, como também criando uma demanda para a qual visam responder. As histórias em quadrinhos se consolidaram como produção artístico-cultural e estão por todo o lugar, multiplicando gêneros, estilos narrativos, diversificando sua estética e sua maneira de contar histórias. Enquanto arte, elas não estão sujeitas ao monopólio de grupos ou empresas específicas, mas elas são um patrimônio artístico-cultural de toda a humanidade, sendo que qualquer pessoa que se sinta motivada e habilitada para tal pode produzir quadrinhos, e na maioria das vezes, o faz, quer seja para si mesmo, quer seja para divulgar seu trabalho gratuitamente ou mesmo para vendê-lo pela *Internet* e pelos correios. É nesse contexto que se situam atualmente e majoritariamente os quadrinhos de superaventura brasileiros, isto é, não integram (mesmo porque em si não há definido) a complexa estrutura mercadológica e “massiva” atinente aos quadrinhos de super-heróis em geral.

Embora já tenha havido uma produção até significativa em larga escala na história dos quadrinhos no Brasil, sobretudo, em tempos áureos, como ilustrou Roberto Guedes (2005) em seu *A saga dos Super-heróis Brasileiros*, a maioria dos quadrinhos de superaventura de personagens brasileiros é produzida de maneira autoral, independente, mesmo que pontualmente publicada por uma editora, e é, muitas vezes, movida pela pura paixão dos criadores dos próprios personagens brazucas. Assim, os super-heróis

brasileiros são, em primeira instância, iniciativas individuais de traduzir para o seu contexto esses personagens fantásticos predominantes na cultura contemporânea, mesmo que muitos sejam conceitualmente representações quase idênticas de personagens estadunidenses, dos quais seu autor é geralmente fã. Independentemente dos processos de constituição dos personagens, as motivações do autor, o fato é que super-heróis brasileiros existem! Naturalmente, alguns são mais conhecidos, outros, menos, consideradas as dificuldades do mercado editorial, tal como já indicado em outro momento (REBLIN, 2008; 2013), apesar disso, uma história narrada é sempre uma história de alguém, é sempre o retrato de um mundo, como já indicado em outro trabalho (REBLIN, 2012a) e por autores como Eco (2006), Larrosa (2004), entre outros.

Lançar, pois, um olhar para as narrativas e identificar o que elas comunicam significa ir ao encontro desse retrato de mundo, é buscar entender como as pessoas articulam seus saberes na perspectiva da intencionalidade da história que querem contar. Nesse contexto, encontram-se também concepções teológicas elaboradas pelos autores em sua vida diária ou que permeiam o imaginário ou o ambiente em que vivem, a qual tem sido chamada de *teologia do cotidiano* (REBLIN, 2012a; 2012b; 2011, p. 62ss), nosso foco de estudo, justamente porque ela se constitui e é articulada pela justaposição transitiva de histórias, experiências, situações-problemas, valores e percepções de mundo que estão diluídas no “senso comum” e que ganham forma quando seu articulador (as pessoas em seu dia a dia, nesse caso, o autor da história) visa responder a algo, a alguém, a uma situação, atribuir um sentido para a experiência e para a própria existência, ou mesmo para a própria narrativa. Nessa direção, a anti-heroína *Penitência*, criação de Marcos Franco, torna-se particularmente interessante,

justamente porque se trata de uma personagem que tem como premissa temas religiosos, místicos, teológicos. Ao mesmo tempo, é uma personagem que tem se inserido no universo da superaventura nacional, conquistado reconhecimento no seleto *fandom*, a comunidade de fãs, pela sua autenticidade, sendo inclusive

integrada no projeto de concepção de uma “Liga da Justiça Brasileira”, chamada de *Libertas*. Diante disso, a proposta deste texto indicar o resultado parcial de um estudo em andamento ao lançar um olhar sobre suas histórias e identificar nelas a teologia do cotidiano que se imiscui em seus textos e traços.

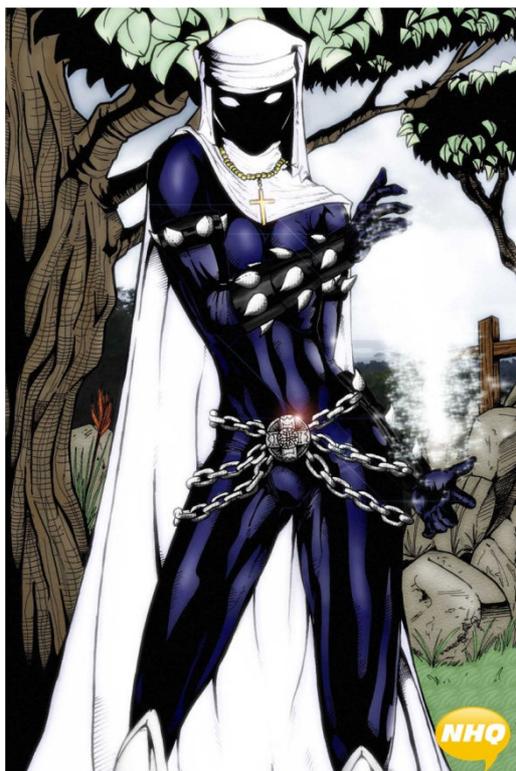


Figura 1: Penitência

Fonte: PENITÊNCIA # 4. NHQ, dez. 2009. p. 14.

© 2009 Marcos Franco; NHQ. Todos os Direitos Reservados

De freira à vingadora

Conforme já sintetizado em outro momento (OLIVEIRA; REBLIN, 2011), Penitência conta a história da Irmã Maria do Amparo, uma freira carmelita brutalmente assassinada por se opor aos interesses da elite e da igreja do Brasil Colonial no sertão baiano, ao defender a igualdade social e, poder-se-ia dizer, os direitos humanos. Ao chegar ao limbo, uma entidade autodenominada na história de “mensageiro” (que, na descrição oficial, é chamada de “Equilíbrio”) oferece uma

escolha à freira: ser julgada e encerrar a onda de mal que lhe causaram ou retornar ao mundo para castigar os que praticam o mal.

Maria do Amparo se torna então Penitência, que, de acordo com a descrição oficial, “é a entidade mística responsável pela mediação harmônica entre as forças do bem e do mal”. E continua, “um século após o fatídico crime, uma misteriosa entidade decidiu trazê-la de volta ao mundo dos vivos e imbuí-la de uma importante missão: Restabelecer o

equilíbrio entre o caos e a ordem e punir com severidade os seus transgressores”. A Penitência pode alterar sua densidade corporal ao ponto de se tornar inatingível, levitar, bem como alterar sua aparência física. Além disso, a super-heroína ou anti-heroína “se utiliza de um estranho artefato em forma de cruz para projetar as chamas divinas, uma espécie de energia mística capaz de gerar terríveis ilusões”. E continua, “as projeções são tão reais que as vítimas da energia acabam sofrendo danos mentais ou falecem em decorrência de ataque cardíaco” (PENITÊNCIA, 2007, § 3).

As três primeiras edições apresentam histórias isoladas. Na primeira história (RIBEIRO; THOMAZ, 2009), Penitência condena um assassino em idade avançada a viver 78 anos preso à cadeira de rodas a fim de se punir pelos assassinatos cometidos. Na segunda história (SOARES; BARBIERI; SAPÃO, 2009), Penitência

salva a vida de uma mulher que estava disposta a retirar a própria vida por causa do adultério do marido. A história mantém o final aberto, indicando que a anti-heroína irá executar a penitência relativa ao pecado do marido. Na terceira história (SALLES; MARCELINO, 2009), um pai decide matar o filho do responsável – motorista alcoolizado – pela morte de sua filha num ato de vingança. Penitência surge diante deste pai e o envia para a “desolação secular”, uma vez que “a mesquinhez de uma vingança é um crime por vezes mais medonho do que o cometido pelo criminoso original” (SALLES; MARCELINO, 2009, p. 10). A quarta história, por sua vez, relembra a origem da personagem, com direito à ressurreição do túmulo no estilo “a volta dos mortos-vivos”. A história explica que a arma em forma de crucifixo utilizada por Penitência é, de fato, a cruz de sua própria lápide.

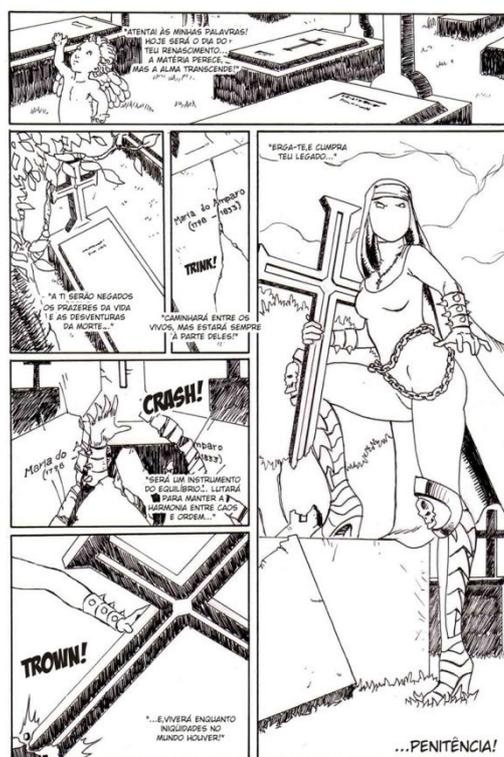


Figura 2: Penitência

Fonte: PENITÊNCIA # 4. NHQ, dez. 2009. p. 4.

© 2009 Marcos Franco; NHQ. Todos os Direitos Reservados

O conjunto seguinte de histórias mantém as características anteriores: histórias isoladas, pessoas que são corrompidas pelo pecado, as tentações egoístas que conduzem a atitudes amorais ou aéicas. Na quinta história, Penitência enfrenta um mago descendente do viking Barba Ruiva (QUIANGALA; OLIVEIRA, 2010). A sexta história apresenta um político inicialmente honesto que se deixa seduzir pela corrupção, à medida que realiza sua escalada política à Brasília. Penitência o confronta com seus crimes e o político sofre um ataque cardíaco (FRANCO; MARCELINO; EIROZ, 2010). A sétima história aborda o tema da homossexualidade numa cidade do interior de Minas Gerais. Um padre homossexual que pregava veementemente contra o homossexualismo comete um assassinato dentro da igreja porque o rapaz com quem ele tinha relações ia fugir com uma mulher. Penitência surge para o padre e o faz confessar seus pecados (que, na narrativa é a hipocrisia e não o homossexualismo) durante a homilia. O padre sofre um ataque cardíaco e é condenado a viver como um fantasma na igreja. A história termina com uma citação bíblica de Mateus 5.21: “Não matareis, e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo”.

Teologia do cotidiano nas narrativas da Penitência: alguns apontamentos

As histórias da Penitência se inserem dentro do contexto brasileiro e é possível assumir que os aspectos religiosos apresentados em suas histórias, de acordo com a intenção da narrativa, refletem elementos da religiosidade popular. Nessa direção, ao observar as histórias da Penitência na perspectiva da articulação de uma teologia do cotidiano, é importante considerar o imaginário religioso brasileiro, suas características, o emaranhado nebuloso de interconexões e interjeições que o forjaram e continuam ressignificando-o continuamente.

O imaginário religioso brasileiro se forjou a partir de diferentes significações que se imiscuíram num processo histórico paulatino de trocas, ressignificações, inferências e interferências, cujas principais matrizes que o forjaram são a significação católica, as significações africanas, espíritas e indígenas. A significação católica, conforme indica o teólogo Adilson Schultz (2012), é o principal componente do imaginário religioso brasileiro. “No Brasil, é quase *natural* ser católico. A providência divina, a figura de Jesus Cristo como representação do divino, a força do rito e da santidade e o apelo moral/ético, entre outras, são algumas das marcas *católicas*” presentes no imaginário (SCHULTZ, 2012, p. 31).

A esse respeito, convém lembrar que a significação católica que delineia o imaginário religioso no Brasil não decorre tanto do catolicismo oficial, antes de um catolicismo popular, altamente caracterizado pela devoção aos santos, pela observância dos sacramentos, um catolicismo sem a necessidade impreterível de mediações sacerdotais específicas, herdado já dos tempos do Brasil Colonial, influenciado pela *Devotio Moderna*, e crucial nas influências e nas confluências das religiões de matriz africana, na catequização do escravo africano como sugeriu Eduardo Hoonart (1992, p. 307ss). O resultado desse encontro entre as diferentes significações religiosas, desse intercâmbio contínuo de interconexões incessantes, tal como sugere Adilson Schultz (2012), reside na compreensão de que “Deus está presente” e o “diabo está no meio”.

A análise do imaginário religioso brasileiro permite depreender sua estrutura teológica – embora não seja agenciada de forma independente daquela antropológica ou sociológica, ela pode ser demarcada a fim de fornecer um *vocabulário* mínimo que

permita expressar teologicamente o imaginário religioso. Numa tentativa de dispor essa estrutura num sistema integrador, emerge como seu fundamento o dado Deus e a crença em Deus. O ponto central dessa crença é que, embora transcendente, Deus está imediatamente manifestado no mundo. O mundo *invisível*, de Deus, está imbricado com o mundo *real*. A crença nessa presença de Deus é articulada a partir de Sua mistura transcendente e imanente com o Mal e tudo aquilo que lhe diz respeito, como diabo, pecado, culpa, sofrimento, desgraça, etc. O fiel diz *Deus está presente* e imediatamente acrescenta: *o diabo está no meio*. As religiões agenciam essa crença básica em princípios, entidades e ritos de toda ordem, como cultos, sacrifícios, crença em espíritos, comunicação com o Além, louvor, êxtase, incorporações, vida eterna, bíblia, procissões, caridade, prosperidade, etc. No funda da estrutura, irrompendo como aquilo que a dinamiza, um espírito de ambiguidade, negociação e simultaneidade que marca as relações do fiel com Deus, de Deus com o fiel e destes entre si e com os agenciamentos culturais para além da religião.

No centro dessa simultaneidade aquele agenciamento central da estrutura teológica do imaginário: Deus e o Mal misturados, ambíguos, não facilmente discerníveis, imanes e transcendententes ao mesmo tempo. O Deus que *viceja* articula-se numa profunda ambiguidade com a percepção do mal. Daí poder-se [sic] afirmar que a inexorabilidade do mal e o desejo de salvação agenciado pelo anúncio da presença de Deus são os temas centrais do imaginário religioso brasileiro. Pontuais agenciamentos dualistas que tentam separar Deus do diabo, opondo bem e mal, e mesmo os inúmeros ritos de proteção contra o mal, parecem claudicar frente à dinâmica dominante *ambígua*, agenciando o combate ao mal no convívio ou composição com ele. O mal não é apenas um elemento metafísico estruturante do discurso do bem, mas tem existência *real*, podendo manifestar-se como infelicidade, morte, finitude, dor, possessão, desemprego, doença, injustiça, desgraça, corrupção, descrença, pecado, etc. A irredutibilidade do mal exige um Deus irredutível, que está sempre ao lado do fiel para salvá-lo do mal. (SCHULTZ, 2012, p. 61-62. Grifos no original)

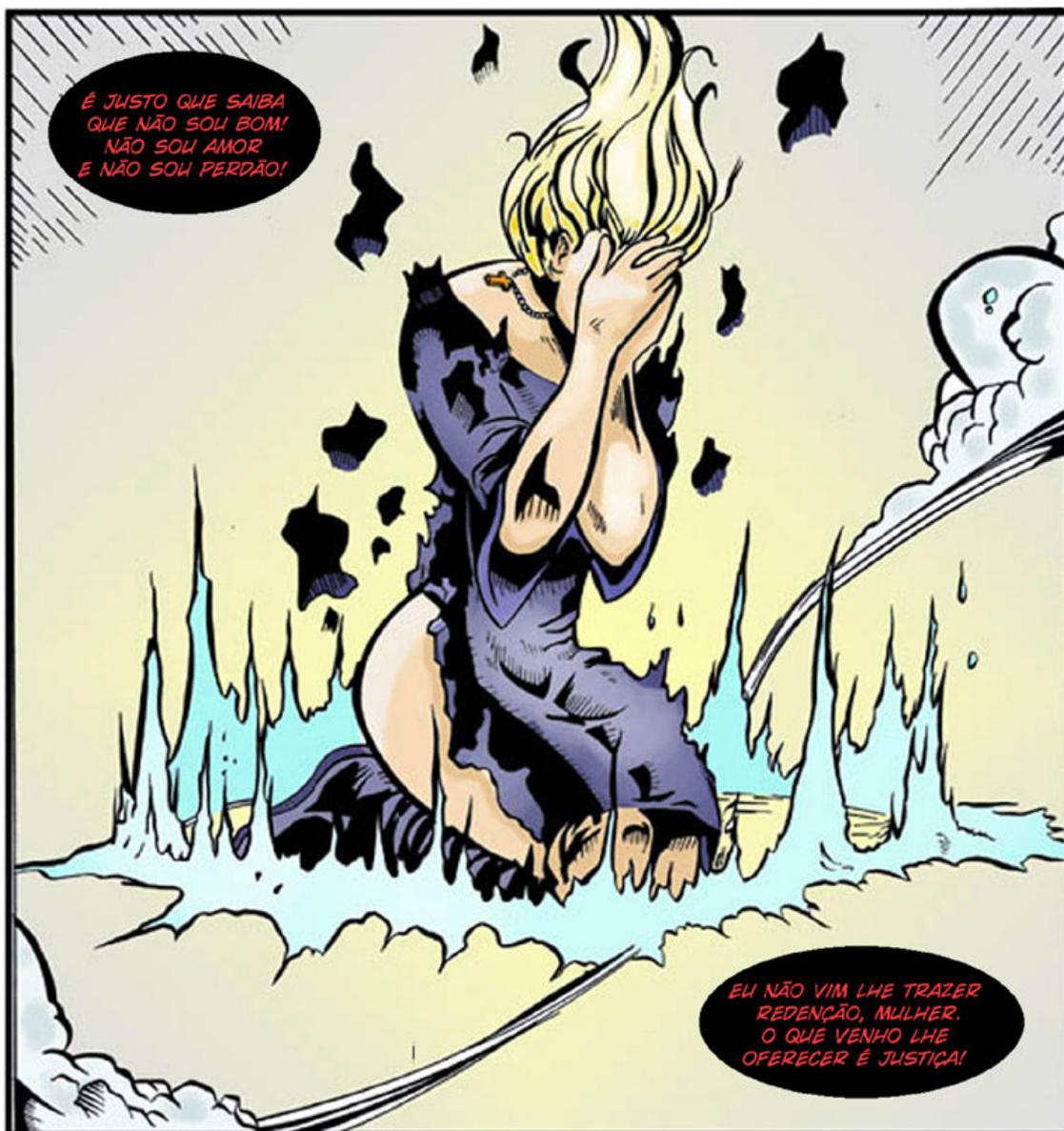


Figura 3: Maria do Amparo

Fonte: ORIGEM: PENITÊNCIA. NHQ, nov. 2010, p. 16.

© 2009 Marcos Franco; NHQ. Todos os Direitos Reservados

A primeira questão decorrente de uma leitura inicial das histórias da Penitência salienta alguns temas caros à teologia e atinentes à esfera religiosidade: a tensão entre justiça e justiça divina, entre justiça e punição, justiça e vingança e justiça e restauração. Penitência tem a missão de restaurar a harmonia entre o bem e o mal, que não se reside num dualismo nítido nas narrativas. Com frequência, os autores atentam para a maldade inerente ao ser

humano independente de suas características sociais ou do papel que o indivíduo assume na sociedade. Duas histórias abordam diretamente rituais religiosos, com sacerdotes cometendo atos ilícitos (assassinatos), uma apresenta um bom velhinho que era um molestador de jovens, etc. Isto é, as histórias indicam que “o diabo está no meio”, não importa onde, para resgatar a leitura de Schultz da estrutura teológica do imaginário religioso

brasileiro. Nessa direção, a pergunta seria se “Deus está presente”, se ele/ela aparece, direta ou indiretamente, nas narrativas, ou qual leitura de uma representação divina é possível ser realizada a partir das histórias de Penitência.

Penitência possui conexões com uma entidade divina, porque seus poderes são caracterizados como “divinos”, não num sentido metafórico, pelo menos aparentemente. A cruz que ela carrega como arma reforça essa ideia. Ainda assim, Deus não aparece à primeira vista, embora se pressuponha sua existência na narrativa. Há, entretanto, uma entidade espiritual ambígua na narrativa. A freira carmelita Maria do Amparo não é abordada por Deus, ao morrer, mas por uma entidade mística intermediária chamada de Equilíbrio — Seria ele um espírito? Seria ele um Orixá? Seria ele Xangô, o orixá da justiça, caracterizado como implacável contra malfeitores, justo, destemido? Nessa direção, Penitência poderia ser entendida como uma sacerdotisa de Xangô — que afirma não ser Deus, mas ser testemunha das experiências humanas através dos tempos, visando trazer ao equilíbrio o que é “justo”.

Ao retornar ao mundo dos vivos como Penitência, seu retorno e suas atitudes não correspondem ao ideal de igualdade, justiça e liberdade que a personagem defendia antes de ser morta. Suas atitudes se assemelham antes a atos de vingança. E o equilíbrio entre o bem e o mal que a personagem se propõe a resgatar é igualmente dúbio. Na segunda história, a Penitência afirma que “a maldade, ainda que praticada por razões justas, continua a ser maldade” (SOARES; BARBIERI; SAPÃO, 2009, p. 4). A personagem é, de fato, uma anti-heroína e ainda não é possível identificar – nas histórias publicadas – um princípio ético ou moral que norteie a personagem. Não existem critérios nítidos que expressem ou demonstrem coerência da ação da

personagem da mesma forma que foi possível identificar na Maria do Amparo antes de ser assassinada. Qual é, afinal, o equilíbrio que a Penitência intenta restaurar? A tendência mais frequente nas religiões e, particularmente, no cristianismo, é que o ser humano é “um coração encurvado em si mesmo”, ele sempre faz mais mal que bem. Nessa direção, a Penitência deveria buscar restituir o bem e isso ela não faz, pelo simples fato dela mesma realizar um ato que ela considera intolerável em seus julgamentos: o silenciamento da vida humana. A penitência implica confissão e processo de arrependimento do malfeitor, o que não há nas narrativas. Assim sendo, as perguntas em torno da personagem, como super-heroína ou mesmo como anti-heroína, e de suas ações permanecem.

Penitência se destaca ao representar a sociedade a partir de uma leitura da violência, do papel da religião e da interpretação do impacto e da compreensão destas na vida social. As histórias da personagem reproduzem a ideia de justiça atrelada antes à ideia de punição, embora distinga de vingança, que restituição. Nessa direção, não há a restauração do equilíbrio que a premissa original da personagem intenta realizar, pois a justiça não se resume à punição do mal (e uma punição que frequentemente culmina na morte do malfeitor), mas a restauração da ordem e da convivência que não se dá por coação violenta. E aqui vale atentar para a distinção entre a justiça divina e a justiça humana: a justiça divina não é igual a justiça humana. A justiça divina não acontece na perspectiva do “olho por olho”, mas antes na perspectiva do “ano do jubileu” ou então do perdão e da reconciliação na reflexão cristológica.

Embora as histórias não retratem o tema da violência e da justiça como punição de forma crítica, elas podem motivar a pensar se é esse o tipo de sociedade – dentro do qual a própria Penitência não escapa – em

que se quer viver. A representação da religião, por meio da narrativa ou do uso de citações bíblicas, combina com a lógica da narrativa, mas se restringe a isso, isto é, temas religiosos em si não são abordados. Reside, entretanto, ao fundo uma crítica à instituição religiosa, ao questionar a questão da homossexualidade, ao acusar padres e sacerdotes de crimes à vida humana. E mesmo ao convocar a própria freira carmelita Maria do Amparo, defensora da igualdade e dos direitos humanos, fazedora de milagres, a uma vida de “chamar outros à penitência”. Segundo a narrativa, a própria Maria do Amparo, após dedicar toda a sua vida ao altruísmo, à defesa dos direitos, à vida religiosa, não vai diretamente “ao céu” e passa a viver como uma espécie de “anjo vingador”. Além disso, as narrativas não abordam em momento algum a perspectiva da relação com a divindade mediada pela graça.

Considerações finais

Em linhas gerais, a teologia do cotidiano nas histórias da Penitência expressa, ora mais, ora menos, aspectos do imaginário religioso no qual o autor e seu contexto se nutrem e se integram, embora não esteja restrita a estes e possa abranger o universo simbólico-cultural em sentido macro. A vinculação da personagem a uma esfera místico-religiosa ou sobrenatural, a citação de versos bíblicos que combinam com a narrativa por si já indica uma tentativa de trazer um sentido às histórias que possa ser compreendido e até aceito pelos leitores, enquanto expressão do contexto do qual parte e do imaginário religioso compartilhado. Longe de abranger todas as vicissitudes que envolvem a riqueza de uma narrativa em arte sequencial e que se emaranham em seus textos e traços, o que importa neste exercício, e dentro dos limites deste texto, é trazer alguns elementos de uma teologia do cotidiano nas histórias da Penitência, a partir das quais outras leituras podem e devem decorrer.

Em todo caso, é importante ressaltar que a personagem está no início de sua caminhada ao universo literário-ficcional brasileiro e tem muito potencial. Há muito para ser explorado, e, a nosso ver, o autor acertou precisamente no tema. Este atribui um grau de complexidade às narrativas, ao explorar ou motivar a pensar nos princípios e valores elementares que constituem e dão integridade a uma sociedade e ao representar como essa sociedade é compreendida cotidianamente. Ao mesmo tempo, expressa um clamor por justiça num contexto brasileiro tão impregnado por injustiças de todo o tipo. É uma personagem fascinante e original. E suas histórias – ainda embrionárias – cativarão milhares de leitores e leitoras.

Referências

- ALVES, Wellington; MALECK, Túlio. *Penitência* # 7. [s.d.]: NHQ/One Shot, set. 2010.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. 9. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FRANCO, Marcos et al. *Origem: Penitência*. [s.l.]: NHQ/One Shot, nov. 2010.
- FRANCO, Marcos; GOMES, Adnilson. *Penitência* # 4. [s.d.]: NHQ/One Shot, dez. 2009.
- FRANCO, Marcos; MARCELINO, Airton; EIROZ, Demetrius. *Penitência* # 6. [s.d.]: NHQ/One Shot, abr. 2010.
- GUEDES, Roberto. *A Saga dos Super-heróis Brasileiros*. Vinhedo: Ópera Graphica, 2005.
- HOORNAERT, Eduardo. A Igreja no Brasil. In: DUSSEL, Enrique (Org.). *Historia liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 297-316.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4. ed. 3 reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- OLIVEIRA, Kathlen Luana de; REBLIN, Iuri Andréas. Representações do feminino: embates acerca da sexualidade e da religiosidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS SOBRE QUADRINHOS E CULTURA POP, Recife, 1., 2011. *Anais do...* Recife: UFPE, 2011. p. 430-445. Disponível em:

<<http://pt.scribd.com/doc/85388278/2011-Anais-EncontroHQ>>. Acesso em: 02 fev. 2013.

PENITÊNCIA. Criatura. s/d. Disponível em: <<http://penitenciahq.blogspot.com/p/criatura.html>>. Acesso em: 04. Jul. 2011.

PENITÊNCIA: Criada por Marcos Franco. *Zine Brasil: a vitrine das HQ's nacionais*. 23 abr. 2007. Disponível em <http://sites.google.com/site/zinebrasil02/hero_i_penitencia>. Acesso em: 04 Jul. 2011.

QUIANGALA, Anne C.; OLIVEIRA, Luciano. *Penitência # 5*. [s.d.]: NHQ/One Shot, jan. 2010.

REBLIN, Iuri Andréas. *A Superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade teológica*. 2012. 257 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2012a.

_____. A teologia do cotidiano. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. 2. ed. São Leopoldo, 2012b. p. 84-98. Disponível em:

<<http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/ivros-digitais/ Uma religiao chamada brasil-E-BOOK.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

_____. *O Planeta Diário: rodas de conversa sobre quadrinhos, super-heróis e teologia*. São Leopoldo: EST, 2013. Disponível em: <http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/ivros-digitais/Planeta_Diario.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2013.

_____. Os super-heróis e a jornada humana: uma incursão pela cultura e pela religião. In: VIANA, Nildo; REBLIN, Iuri Andréas (Orgs.). *Super-heróis, cultura e sociedade: aproximações multidisciplinares sobre o mundo dos quadrinhos*. Aparecida: Ideias e Letras, 2011. p. 55-92.

_____. *Para o Alto e Avante: uma análise do universo criativo dos super-heróis*. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

RIBEIRO, Estevão; THOMAZ, E. *Penitência # 1*. [s.d.]: NHQ/One Shot, set. 2009

SALLES, José; MARCELINO, Airton. *Penitência # 3*. [s.l.]: NHQ/One Shot, nov. 2009.

SCHULTZ, Adilson. Estrutura teológica do imaginário religioso brasileiro. In: BOBSIN, Oneide et al. (Orgs.). *Uma religião chamada Brasil: estudos sobre religião e contexto brasileiro*. 2. ed. São Leopoldo, 2012b. p. 84-98. Disponível em:

<<http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/ivros-digitais/ Uma religiao chamada brasil-E-BOOK.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

SOARES, Lexy; BARBIERI, Mauro; SAPÃO, Adriano. *Penitência # 2*. [s.d.]: NHQ/One Shot, out. 2009.

Recebido em 2013-02-23

Publicado em 2013-03-11